

ENCONTROS COM OS SIGNOS DA ARTE: BLOCOS DE SENSações MOVIMENTAM A VIDA NA PANDEMIA

Janete Magalhães Carvalho
Sandra Kretli da Silva
Tânia Mara Frizzera Zanotti Guerra Delboni

Março de 2020. Planos, projetos e desejos coletivos foram colocados em suspensão, por conta de um vírus avassalador que provocou um abalo no mundo. Interrupção. Cesura... Fissura... Momento importante para pensarmos a respeito do tempo. O tempo como duração, o tempo do acontecimento, como nos propõe a Filosofia da Diferença, que implica a afirmação da diferença, a abertura aos encontros inusitados, a atenção aos devires que pedem passagem. Deleuze (1978), numa aula proferida em Vincennes, afirmou que o seu principal objetivo era encontrar uma concepção fabulosa do tempo. Pura intensidade. Pura potência.

O Grupo de Pesquisa “*Com-Versações com a Filosofia da Diferença em currículos e formação de professores*”, coordenado pela professora Janete Magalhães Carvalho (PPGE/Ufes), ao pensar os desafios do campo do currículo em um cenário de pandemia – tema proposto pelo Trabalho Encomendado do GT Currículo nesta 40ª reunião da ANPED, problematiza: o que é um acontecimento? No que o acontecimento modifica uma vida? O vírus da Covid-19 que invadiu o mundo, pode ser pensado como um acontecimento? De que modo este acontecimento afeta os movimentos curriculares, as pesquisas em educação, as nossas vidas?

Para Deleuze, a ideia de acontecimento implica a afirmação da conexão de heterogêneos, a necessidade dos acasos, a surpresa dos devires e, assim, o momento pandêmico nos levou a reafirmar o nosso desejo em realizar pesquisas-acontecimentos. Porque pesquisas acontecimentos passam-se no tempo liso, seguindo os fluxos de forças intensivas que provocam vibrações nos encontros cotidianos. Pesquisas acontecimentos que se movem e se insurgem com os fluxos dos desejos e dos devires que jorram vontade de potência. Que desejos nos pediram passagem neste tempo de pandemia? Que devires nos impulsionaram a realizar os im-possíveis nas pesquisas, nas docências, nas aprendizagens e nos movimentos curriculares inventivos?

Em uma aposta ética, estética e política de acolher a vida em sua intensidade e diferenciação, o grupo tem se dedicado à proliferação de redes de conversações como intercessoras de encontros potentes de criação e compartilhamentos de saberes nos cotidianos de escolas públicas de educação básica na região metropolitana de Vitória, no Espírito Santo;

e à investigação de como as expressões artísticas aparecem em processos curriculares e em processos de aprender desenvolvidos nos cotidianos escolares, focalizando os efeitos que os signos artísticos, como imagens filmicas, fotográficas, pictóricas, literárias, provocam nas aprendizagens de alunos e professores do ensino básico nos currículos realizados no plano de imanência dos cotidianos escolares, potencializando a constituição de corpos coletivos em variados formatos de socialização de modos de experimentação de currículos e docências e infâncias e escolas e...

Nesse tempo pandêmico que, de início, foi de incertezas, espasmos, paralisia foi tempo também de indagações, de vontade de vida, de desejo de encontros. Alguns integrantes do grupo, a partir da pesquisa intitulada “Imagens, signos artísticos instigando aprendizagens nos currículos em cotidianos escolares: potencializando a constituição de corpos coletivos”, coordenada pela professora Janete Magalhães Carvalho, criou um catálogo¹ de arte, ou seja, um catálogo com signos artísticos como um novo espaço para fazer o pensamento movimentar em currículos dançantes, errantes, moventes.

O catálogo possui duas versões: uma versão virtual interativa e uma versão de e-book com uma variedade de signos artísticos, tais como: fotografias, pinturas, grafites, curtas-metragens, músicas e literatura. Na versão interativa é possível, além de ver as obras selecionadas pelo grupo, instaurar Com-Versações sobre elas, com ideias para debates, aulas, discussões. E por que a escolha por signos artísticos? Para Deleuze (2010, p. 91), “[...] há sempre a violência de um signo que nos força a buscar, que nos rouba a paz”, pois o que é primeiro no pensamento é o arrombamento, é a violência. Assim, torna-se necessário que algo force o pensamento para abalá-lo e movimentá-lo: os signos.

O que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 2010, p. 91).

A ideia é apostar na força do encontro com os signos artísticos, assim como na composição com professores e professoras da educação básica para, coletivamente, problematizar o tempo presente a partir da provocação de Nietzsche: “O que temos feito de nós mesmos?”. Assim, na composição com os signos artísticos e com professores e professoras questionamos: O que temos feito de nós mesmos em tempos de pandemia, de

¹ Disponível em: <https://padlet.com/comversacoes/catalogo>

necropolítica (MBEMBE, 2018), de negacionismos da ciência? Como lidar com o intolerável da pandemia sem cair no desespero, sem tornar a própria vida intolerável? A que o tempo presente nos convoca a pensar sobre o compromisso ético, estético e político de pesquisadores e pesquisadoras, professores e professoras? É possível produzir, fazer expandir a vida em pleno trabalho remoto?

Em movimentos aberrantes (LAPOUJADE, 2015) de afirmação da vida, o grupo assumiu o compromisso de provocar encontros para produzir movimentos de resistência (e re-existência) como ação coletiva. Provocando deslocamentos e desterritorialização, o grupo arriscou um novo percurso para criar movimentos do pensamento e provocar afetos e afecções pela força dos encontros com os signos artísticos, criando fabulações curriculares para fazer insurgir experimentações.

A força do catálogo está na rede de afetos e de solidariedade que se estabelece, pois, em cada encontro e compartilhamento das experimentações com as imagens sugeridas, outras imagens e ideias entram em conexão e composição expandindo ainda mais a força de ação coletiva. Este catálogo – realizado e pensado como um convite para as escolas se manterem vivas, inventivas, combativas, desejantes – está repleto de signos da arte, criado por artistas brasileiros e estrangeiros. A nossa intenção é que por meio dos encontros com os signos da arte, professoras e alunos possam movimentar e violentar o pensamento, a fim de afirmar a escola como lugar do público, do coletivo, das forças menores, da ética, da estética e da política.

Neste texto, pensado para compartilharmos as nossas experiências de pesquisas, que provocam conexões (im)possíveis produzidas entre currículo e pandemia e suas relações com a vida, apresentamos fragmentos de algumas experimentações com alguns dos signos da arte presentes no catálogo. Experimentações vivenciadas em encontros virtuais com professoras em processos de formação inventiva. Experiências que afirmam a vida, a coletividade – a grupalidade expansiva. Uma vida que está sempre em dobra, em movimentos e, sobretudo, aberta às multiplicidades e aos encontros arrebatadores. Como intermezzos, selecionamos algumas imagens/signos artísticos utilizados nos encontros das pesquisas, com agenciamentos coletivos de enunciação que expressam sensações e emoções dos efeitos/afecções dos signos da arte. Redes de conversas que problematizam as escolas, os currículos e a educação.

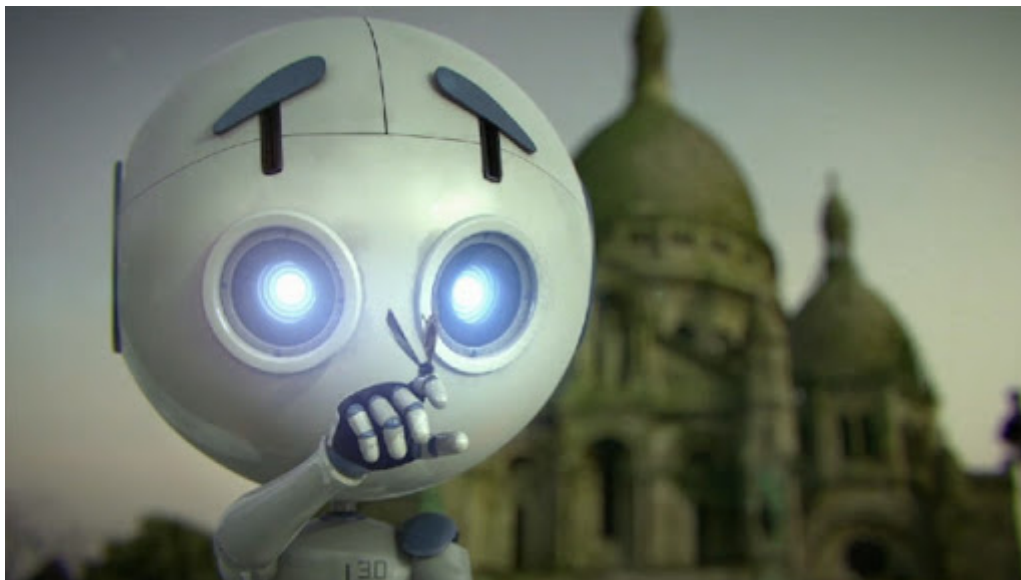
Intermezzo I: O encontro com a fotografia



Em um dos comentários encontrados no catálogo, que está constantemente aberto ao público por meio de um *blog* criado pelo grupo, nos deparamos com a seguinte enunciação: “Cada criança tem um sonho”. E assim, pensamos que sonhos? Que desejos coletivos estão expressos nestes gestos, nestes olhares, nesta composição? Que fabulações do tempo podem essas crianças?

Nesses encontros com os signos da arte, professoras e professores em redes de conversas colocam a vida em movimento: “Estamos aqui, eu com a câmera aberta para buscar mais conexão com vocês. Essa imagem, arrepiou os meus cabelos. Eu ainda nem sei bem explicar o que ela provocou em mim. Mas, preciso falar e pensar com vocês”. Para Deleuze (2016, p. 76) as possibilidades de uma vida se avaliam pelos movimentos e intensidades que ela traça e inventa no seu cotidiano. Assim, professoras e professores começam a problematizar as “verdades” criadas para a educação e começam a fabular o tempo e apresentar o tempo em sua multiplicidade.

Intermezzo 2: O encontro com o curta L3.0



O curta provoca afecções: “Ele é um robô, vive dentro de uma casa que não tem vida, mas é ele que tira a força da vida daqueles que estão próximos”. “Será que a gente também sufoca a vida ou será que a gente consegue potencializar a vida para fazê-la transbordar?”. “Será que a gente também não tenta robotizar os nossos alunos?”. “Estamos vivendo um momento completo de reinvenção devido à pandemia. Nosso trabalho na escola tem sido mais colaborativo, planejamos as aulas em conjunto. Por incrível que pareça, a interação se intensificou”. Vemos aqui que, coextensiva à morte causada pela pandemia e pelos maquinismos que tentam robotizar a existência, a vida insiste em perseverar e faz proliferar a criação de possíveis.

Nesses encontros com os signos artísticos, vemos a vitalidade da escola pública e suas múltiplas possibilidades de existências e (re)existências, fazendo do pensamento uma potência nômade, engrenagem de máquina de guerra, contra os aparelhos de captura dos aparelhos de Estado. Resistimos, pois a um mundo programado, dado, fabricado pelas máquinas capitalísticas e afirmamos a vida que pulsa nos cotidianos em intensidade movimentando o pensamento e conectando-o com novas forças. Experimentação de vida.

Referências:

DELEUZE, Gilles. **O que é filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

